



Neamp

Imagem e magia: a internet da política.

Paulo Niccoli Ramirez ¹

Resumo:

A campanha eleitoral presidencial brasileira do ano de 2006 é reveladora no que diz respeito à investigação do uso de audiovisuais, além dos conteúdos escritos, sobretudo através da internet e suas imagens. As novas tecnologias podem proporcionar um novo campo de abordagem, no qual é possível verificar a sua importância social em relação ao fato de os indivíduos estabelecerem novas teias de significado cultural, bem como de politização, reflexão e ação. Nesse sentido, as campanhas permitem aos internautas a promoção de novas formas de sociabilidade e captura de informação política, ou não.

Abstract

The 2006 Brazilian campaign to president is revealing in the study of audiovisual use, besides the written contents, mainly through internet and its images. The new technology can provide a new addressing field, in which is possible to check its social importance related to the fact that people establish new nets of cultural meaning, such as politicization, reflection and action. In this sense, the campaigns allow the internet users the promotion of new ways of sociability and the capture of politic information, among others.

“Escrever e mandar imprimir será cada vez menos um sinal de distinção. Com nossos costumes eleitorais e industriais, todo mundo, pelo menos uma vez na vida, terá tido a sua página, seu discurso, seu prospecto, seu brinde, será autor. Daí a fazer um folhetim não há senão um passo ... Em nossos dias, aliás, quem pode dizer que não escreve um pouco para viver ...?” Sainte-Beuve, “De la littérature industrielle”, Revue des Deux Mondes, XIX, 1839, n° 4, p.681.

(Walter Benjamin. *Passagens*).

¹ Doutorando e mestre em Ciências Sociais (PUC-SP) e bacharel em filosofia (USP).
Aurora,4 : 2009



Neamp

Walter Benjamin na década de 1930 declara, como que profeticamente, num de seus mais importantes escritos que “Com a representação do homem pelo aparelho, a auto-alienação humana encontrou uma aplicação altamente criadora. Essa aplicação pode ser avaliada pelo fato de que a estranheza do intérprete diante do aparelho, segundo a descrição de Pirandello, é da mesma espécie que a estranheza do homem, no período romântico, diante de sua imagem no espelho, tema favorito de Jean-Paul, como se sabe. Hoje, essa imagem espetacular se torna destacável e transportável. Transportável para onde? Para um lugar que ela possa ser vista pela massa [...]” (BENJAMIN, 1998: p.180).

A Internet é o espaço artificial criado pelo engenho humano que, por excelência, tornou-se destinado à exposição de caprichos e gostos particulares dos indivíduos (interessados em se expor para uma eventual massa de conhecidos e desconhecidos), que encontram afinidades eletivas ou, até mesmo, expõem suas aversões em relação aos “outros” grupos ou formas de existência. Corresponde a uma prática social que se alastra à medida que novas pessoas ingressam nessa nova modalidade de espaço, por meio de troca de arquivos, debate das mais variadas espécies, leituras de notícias e pelo acesso aos recursos audiovisuais.

O fato é que, para além do cinema e da Tv, que encantam o seu público quando aguçam nele a magia e o imaginário sob o forte impacto esperançoso de que, porventura e pelo acaso de um dia inesperado, possa cada espectador ser visto por milhares de outras pessoas, nem que seja por alguns segundos e expondo qualquer comportamento seu, ainda que asneiras suas, a Internet democratiza a exposição da imagem e opiniões dos indivíduos, pois permite a exposição (e há um verdadeiro arsenal de recursos para isto) permanente daquilo que os internautas pretendem mostrar ao mundo, caso dos blogs, orkut, entre outras ferramentas que permitem ao internauta ser visto e investigado. Em outras palavras, a Internet é o palco que possibilita a exposição dos caprichos e gostos individuais do homem contemporâneo. É assim que contempla a sua magia e o seu feitiço sobre as massas, já que atinge ferozmente os que se preocupam em expor a sua imagem e ser amplamente observados, admirados ou odiados.

Para além da publicização da vida privada, a internet presta-se do mesmo modo à difusão da vida política dos aspirantes aos cargos públicos, sem por isso afastar-se dos caprichosos e fantasmagóricos desejos e fetiches individualizantes acima expostos. Isto porque a ampla exposição da imagem dos candidatos à presidência da República pôde ser observada ao longo das últimas campanhas eleitorais brasileiras não somente pela TV, mas também - e sobretudo - através da última campanha via Internet, a qual foi responsável por



Neamp

intensificar a divulgação de todas as atividades dos candidatos, através de mídias audiovisuais, artigos, declarações, charges, fotografias, notícias e a agenda política.

Pode-se dizer que a exposição do candidato pelos espaços virtuais permite a intensificação da associação íntima entre partido e candidato, que os tornam como uma coisa única, de sorte que anula o que se poderia considerar como uma identidade de um partido nutrida por valores que fundamentam uma determinada postura política de seus membros. Ao invés disso, ocorre a elevação da imagem particular de seu candidato. Este último, por sua vez, absorve a existência de seu partido por meio de sua exposição perante as massas. Trata-se de um fenômeno que, apesar de recorrente nas campanhas dos candidatos, aparenta ser mais intenso principalmente nos pequenos partidos², pois a representatividade é reduzidíssima, assim como o tempo televisivo.

De uma maneira geral, o escasso tempo televisivo, a limitada e regulada divulgação por força de lei de suas imagens pela imprensa escrita, radiofônica e televisiva, resulta no fato de nada mais restar a estes candidatos a não ser uma apresentação que exponha uma imagem segura e forte de seus princípios, mais que isto, que os apresente acima de seu próprio partido, que é reduzido e submetido ao pensamento de seu candidato. A Internet, por sua vez, possibilita a expansão desse fenômeno a medida que concede a qualquer indivíduo, ainda mais a qualquer candidato, que se apresente de acordo como julgar melhor, elevando a sua imagem acima de seu próprio partido.

Foi o caso do site do Partido da Causa Operária (PCO). Os seus temas, notícias, artigos e mídias estavam voltados quase que exclusivamente à sua liderança, Rui Costa Pimenta. O PCO confundiu-se com o seu líder, de modo que não houve uma diferenciação rígida entre a imagem particular de Rui Costa e o partido na campanha de 2006, que deveria representar interesses coletivos.

Não apenas este aspecto da exposição ampla dos caprichos e posições particulares deve ser observado nos mais variados sites de entretenimento, mas também nos partidos políticos de menor representatividade, destinados à campanha eleitoral do ano de 2006. No Brasil o culto ao candidato, entendido como o que ofusca a exposição dos princípios e posições de seu partido, pode ter origens muito remotas, passando por ressignificações históricas e culturais,

² Isto não significa que deixe de existir nos partidos com maior representatividade, pois este fenômeno dá-se em menor grau. O PSOL com a candidata Heloísa Helena é um exemplo de “meio termo” entre um partido “pequeno” e de maior representatividade.



Neamp

mais precisamente a partir de nosso passado e heranças coloniais, de acordo com aquilo que Sérgio Buarque de Holanda denominou como “homem cordial”.³

Devemos assim nos ater a relação entre internet e a cordialidade nas campanhas eleitorais brasileiras. A supremacia do indivíduo sobre o conjunto social, a valorização de sua imagem que reduz aos demais à mera submissão e a sua expansão na vida política acabam por revelar um traço profundamente marcante no cotidiano nacional. A cordialidade caracteriza-se, essencialmente pela invasão do indivíduo no âmbito público, o qual passa a estar submetido aos seus caprichos e ao poder que exerce. Predomina a atitude intimista e familiar e que, por isto mesmo, potencializa as relações de dominação. A familiaridade gerada por estas relações modela a forma de expansão característica do homem cordial sobre os demais indivíduos e instituições. Certamente, a vida política nacional no último século foi intensamente atingida pela cordialidade, passando esta por ressignificações contínuas, até alcançar às campanhas eleitorais midiáticas, inclusive as que são realizadas via Internet. Prevalece nos sites de partidos políticos nacionais, principalmente nos de menor representatividade, a mentalidade tradicional ressignificada por estas novas tecnologias: toda a vida destes sites gira em torno e apenas existe em função de seu “dono” e “senhor”, tendo em vista que a internet possibilita a exposição das imagens privadas ao patamar público.

* * *

³ Afirma Sérgio Buarque de Holanda: “Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo triunfo do espírito sobre a vida. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter a sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo. No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa. Foi a esse tipo humano que se dirigiu Nietzsche, quando disse: “Vosso mau amor de vós mesmos voz faz do isolamento um cativoiro” (Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pág. 147).



Neamp

É bem certo que a propaganda eleitoral pela TV ⁴ limita não apenas o telespectador à condição de um mero receptor passivo de argumentos e idéias breves, transmitidas seguidamente e de modo fragmentário. De maneira similar limita também o político que pretende expor a sua imagem e possivelmente alguma grande ambição política, pois se encontra fadado a vomitar informações em pouco tempo, quando muito em aproximadamente um minuto. O resultado disso é a constituição de um estranhamento recíproco, uma relação de alteridade intrínseca ao programa eleitoral televisivo, daquele que o assiste e daqueles que de repente são jogados e se apresentam na TV, um atrás ao outro na velocidade de um relâmpago e nunca na mesma seqüência. Sequer, nesse caso, podemos falar de um fetiche da imagem, posto que não nos é dado tempo suficiente para nos alienarmos diante do produto eleitoral que nos é exposto.

O estranhamento é geralmente combatido por aqueles que detém por lei maior tempo de propaganda televisiva através de exposições sentimentais da vida, de sua família, de seus logros heróicos públicos, depoimentos inflamados de pessoas comuns nas ruas, suas caminhadas em meio à multidão, músicas e slogans com o grito do povo, abraços aos eleitores e o tradicional cafezinho no boteco ou na padaria, a fim de buscar alguma identificação com o eleitor mais simples e que compõe a grande maioria do eleitorado, embora raramente se governe realmente em nome de seus interesses.

A aliança PSOL-PSTU, por exemplo, permitiu a Luísa Helena um pouco mais de um minuto, suficiente para apresentá-la como um "coração valente" e tentar romper com o estranhamento, como o fazem todos os demais que possuem um tempo igual ou superior a este. Seu discurso concentrou-se na composição de uma nova ética, capaz de evitar a corrupção que acompanhou o último Governo Federal administrado pelo PT. O PCO, contrariamente, com o pouco tempo que possuiu, apresentou rapidamente a sua tradicional luta pela redução da jornada de trabalho, aumento do salário mínimo, reforma agrária e oposição extrema aos banqueiros e especuladores que atuam no Brasil, ⁵ sem conseguir

⁴ O rádio apresenta efeitos próximos ao da TV para o ouvinte. Mas este é obrigado a imaginar o que escuta, o que talvez não o torne tão passivo quanto o telespectador. As imagens não são transmitidas pelo rádio, a não ser que o ouvinte às formule em sua mente a partir do que é ouvido. Esta singela diferença pode alocar o ouvinte a uma posição privilegiada, ainda que limitada, em relação ao telespectador.

⁵ A impugnação da candidatura de Rui Costa Pimenta pelo TRE em agosto de 2006, proibiu a vinculação do programa presidencial do partido. Contudo, no programa eleitoral estadual toda a breve programação do PCO (candidatos ao governo, senado, congresso nacional e assembleias legislativas) foi destinada à campanha de revogação da impugnação da liderança máxima do partido.



Neamp

irromper com o referido estranhamento, uma vez que a sua campanha, centralizada nas palavras e imagens de Rui Costa Pimenta, possuiu tempo muito reduzido de TV.

Mesmo os partidos com maior tempo televisivo, como foi o caso do PT e PSDB, percebe-se recorrentemente nas campanhas televisivas uma espécie de “corrida contra o tempo” que reflete-se na exposição das imagens. A velocidade da aproximação do dia do pleito não apenas revela-se na exposição afobada de vídeos e imagens sobre o crescimento ou declínio dos candidatos segundo os índices de intenção dos votos, mas também nas andanças dos presidenciáveis por ruas e cidades de todo o país, sob passos que lembram os saltos desengonçados de Macunaíma pelo Brasil.

Já a Internet e as novas tecnologias que acompanham os computadores permitem à campanha política extrapolar os limites impostos e intrínsecos da propaganda televisiva, do rádio e dos panfletos. Isto porque a Internet pode agregar novos vídeos com mais tempo de duração, declarações e definições mais acabadas dos partidos, notícias detalhadas das agendas dos candidatos, entre outros elementos que acompanham o candidato, todos estes não apresentados pelos meios de comunicação e propaganda convencionais. Mas é principalmente pelo fato de o internauta ir - a partir de espaços virtuais - em direção ao partido e ao candidato de sua preferência, e também a possibilidade de emitir alguma opinião que possa ser compartilhada por outros tantos, seja por mera curiosidade, simpatia, aversão ou por motivos lúdicos, consiste a diferença fundamental entre a Internet e qualquer outro meio de comunicação.

Tanto quanto o cinema, a Internet, ao lado das novas tecnologias, carrega um vasto campo de debates, definições, terminologias, contrárias ou favoráveis à sua existência, mas que revelam, em contrapartida, uma imprecisão e indefinição do que pode ser afinal de contas a própria Internet. O cinema, desde a sua origem, foi capaz de incorporar elementos das demais seis artes, fora a presença de aspectos de ordem reflexiva, como as ciências humanas, naturais e a filosofia, aspectos que lhe são exteriores, mas imprescindíveis à sua existência, e por isso mesmo não alcançou uma definição única ou absoluta, caracterizando-se fundamentalmente pela sua imagem em movimento que pensa e, vez ou outra, faz o seu público pensar (e sentir). A Internet e as novas tecnologias digitais parecem ter avançado nesse quesito, a tal ponto que são capazes de incorporar o próprio cinema e, conseqüentemente, são atingidas por diversos prismas e visões teóricas e metodológicas, sem que haja um consenso a respeito.



Neamp

Não é possível haver definições rígidas e terminologias rebuscadas (e é comum ir até aos antigos gregos para buscar um vocabulário extenso para defini-la) que perdurem sobre os aspectos que compõe a Internet, posto que as suas ferramentas tornam a novidade tecnológica em algo rústico antes mesmo de um piscar de olhos. Uma investigação sobre a Internet deve ater-se muito mais à “dinâmica” que produz e é produzida pelos seus usuários, ao invés de preocupar-se com a formulação de um vocabulário e definições rebuscadas, o que acaba tornando a sua investigação oca e desprovida de qualquer relação com a sua realidade. Avaliar a sua dinâmica permite vislumbrar a relação que a Internet possui com a sociedade e seus usuários mais especificamente.

Sob estes aspectos, sua principal característica remete à possibilidade permanente de transitoriedade do internauta, bem como a publicização de suas capacidades estéticas e reflexivas, podendo ser estas uma transmissão de experiências demasiadamente pobres ou instigantes, principalmente por meio de imagens. O internauta dirige-se para onde bem entende, muitas vezes influenciado por alguma espécie de propaganda ou por mera recomendação de seus amigos. O fato é que o internauta escolhe quando e onde pretende acessar uma determinada página. Soma-se a isto a possibilidade incessante de criação e formatação de textos públicos, sons, vídeos, fotografias e/ou postagens de mensagens, referentes às suas opiniões nos mais variados sites de seu interesse, podendo ser estes comentários de qualquer natureza: críticos, jocosos ou elogios.

A ação permanente do indivíduo sobre a Internet e a possibilidade de debater idéias (quando existe esta opção nas páginas) no instante em que julga interessante, podem caracterizar a Internet, ao lado das novas tecnologias, como uma nova modalidade de meio de comunicação e possivelmente também de arte. Isto porque a sua especificidade em relação às demais artes está no fato de seu acesso ser uma escolha do indivíduo que pode ser interrompida ou deslocada para qualquer outra ação a qualquer instante. O internauta lê ou assiste temas de seu interesse, muitas vezes permeados por debates realizados pelos demais usuários que talvez nunca os conheça fora dos espaços virtuais. Sua capacidade de escolher é também a de interromper o que se está lendo ou assistindo e, em contrapartida, alterar o tema de seu interesse imediatamente. O internauta insatisfeito diante de uma manchete esportiva sobre a sua equipe de coração logo altera o assunto que lhe incomoda, desligando o seu computador ou simplesmente mudando para qualquer outra página ou tarefa que trate sobre qualquer outra coisa, menos sobre a sua equipe.



Neamp

Apesar de não haver um consenso teórico muito claro sobre o que vem a ser a Internet, devido à agregação que faz de elementos de outras artes, ciências e meios de comunicação para tratar dos assuntos mais diversos, é possível observá-la como uma forma de expressão humana que se faz pensar e sentir simultaneamente, exterioriza e interioriza visões de mundo, por meio do interesse e intervenção de outros homens que a procuram e multiplicam as suas ferramentas e informações disponíveis. Sua indefinição, produzida pela criação e atualização permanentes de seus recursos, é a origem daquilo que Vera Chaia observa como cyber-otimistas e cyber-céticos (ou pessimistas). Os primeiros geralmente conseguem acompanhar o ritmo incessante de atualizações dos recursos da Internet e novas tecnologias, ao mesmo tempo em que, vêem nela alguma utilidade, até mesmo para favorecer as ações políticas que favoreçam o corpo de cidadãos. Já os cyber-céticos são geralmente os que por alguma postura ideológica anticapitalista e de oposição ao controle que a Internet oferece ou por não terem tempo hábil para acompanhar o seu ritmo de transformações, são críticos e indiferentes em relação à existência ou não destes recursos.

* * *

Como qualquer outro meio de informação, a Internet possui as suas limitações. Há um grande controle sobre ela, realizado, sobretudo, por empresas que monitoram os acessos e palavras digitadas pelos internautas, a fim de alocar nos cantos das páginas os produtos que muito provavelmente poderão ser comprados. O internauta acaba se deparando, como num passe de mágica, diante de uma propaganda a partir do que a pouco havia digitado por algum motivo qualquer. Uma outra modalidade de controle, dentre tantas outras, diz respeito aos moderadores presentes nos fóruns de discussão ou de debates de qualquer ordem. Estes moderadores são responsáveis pela imposição de limites do que pode ou não ser discutido. Sua função é a de barrar possíveis comentários, opiniões e perfis que não se adequem ao tema proposto. Estas duas espécies de controle são, na maioria das vezes, silenciosas e demonstram que a Internet não é um espaço de plena liberdade como correntemente é anunciado, mas ao invés disso, um espaço virtual destinado às postagens de mensagens críticas ou favoráveis, além de navegações segundo as escolhas dos internautas, sempre sujeitas a alguma forma de controle.



Neamp

No que tange ao processo eleitoral e ao cotidiano dos sites dos partidos, principalmente a aliança PSOL/PSTU e o PCO, é possível observar não apenas a existência dessa última espécie de controle via moderador, mas também a dificuldade de entrar em contato diretamente com as lideranças desses partidos. Estes três sites investigados não constituem um céu aberto em que o internauta pode expor as suas opiniões como bem entende. As discussões do PCO, por exemplo, sobre os mais variados temas estão rigorosamente separadas e fragmentadas (marxismo, mulheres, negros, juventude, sindical, cultura, marxismo e ciência, educação, direito e política), são controlados por um moderador que irá ler uma ficha cadastral do internauta (com nome, endereço, se possui menos de 30 anos, estudante ou não, negro ou indígena) e, todavia, trata-se de uma lista fechada, via e-mail, o que não permite uma pronta visualização de um eventual curioso sobre o que é discutido pelos demais membros.⁶ Todavia, o internauta que passar ileso pelo crivo da análise de seu perfil pelo moderador, poderá apenas ingressar em apenas um dos temas abordados. Se quiser participar dos demais, terá que preencher a mesma ficha quantas vezes forem necessárias até que se esgotem os temas possíveis do site. Vê-se assim, o quanto o site do PCO fragmenta e dissocia temas que poderiam estar lado a lado e complementando-se.

A mesma espécie de dificuldade pode ser visualizada no site do PSTU e PSOL, os quais não apresentam fóruns de discussões abertos, espaços que poderiam servir para que os partidários e opositores expusessem suas idéias. Ao contrário disso, é necessário mandar um e-mail para um moderador desconhecido e mal se pode saber se é possível ou não entrar em contato direto com outros membros e até mesmo líderes desses partidos,⁷ apesar de alguns e-mails estarem à disposição do internauta (o que não deixa de estabelecer um debate restrito e não aberto para que todos os interessados possam emitir opiniões).

Mas o que se pode indagar a partir dessas observações realizadas nesses sites? Pode-se afirmar que esta restrição gerada pelos moderadores não apenas ocorre nos referidos sites de partidos políticos aqui estudados. Nas comunidades do Orkut (nas quais todos os usuários podem criar discussões abertas sobre os temas que desejam formular por meio de comunidades ou mera postagens de assuntos ou mensagens), em tantos outros fóruns dos mais

⁶ Cabe destacar que o autor dessa reflexão criou um perfil fictício para ingressar no tema “política” do site do PCO. Infelizmente não obteve nenhuma resposta, de modo que sequer avaliou o que era discutido em apenas um dos temas abordados pelo partido.

⁷ No site do PSTU não é possível identificar com clareza, como ocorre nos sites do PCO e PSTU, quais são as suas lideranças.



Neamp

variados assuntos, e até mesmo nos programas de comunicação entre internautas (caso dos – mais conhecidos - MSN, ICQ e Google Talk), fora a exclusão e o bloqueio de e-mails que qualquer um pode realizar, há a possibilidade ampliada de todo o internauta torna-se um moderador. Na realidade, a Internet torna todos os usuários em moderadores. Estes negam o envio de propagandas de pessoas desagradáveis com quem não desejam mais se comunicar, adicionam outras que julgam adequadas manter alguma forma de diálogo, criam quando bem entendem comunidades ou listas de discussões e mantêm ou bloqueiam membros segundo a sua vontade. O moderador e o internauta são dois tipos humanos virtuais que se confundem. Representam a imagem mais clara do homem em espaços virtuais e especialmente revelam a ação de controles mútuos e contínuos entre os internautas, sem que os demais o saibam – imediatamente.

Se a Internet é por muitas vezes considerada um espaço de plena liberdade de opiniões e acesso, isto se passa pelo simples fato de o controle ser invisível, o que desperta a sensação de que nada pode deter os passos daqueles que navegam e investigam com curiosidade as informações de um universo desconhecido e que são simultaneamente investigados porque não passam de meros tripulantes da nau. O que há de essencial nesse fenômeno é a ação do internauta, que é equivalente, senão idêntica, a de um moderador, o qual é o bruxo que se faz valer e é atormentado pela sua própria feitiçaria.

Surge assim uma nova dinâmica de sociabilidade praticada através da elevação de muralhas e fronteiras. Os internautas podem ingressar a qualquer momento em uma ou mais comunidades (ou grupos de discussão), excluir ou serem excluídos e bloqueados destas, podem ser investigados por outros tantos, migram de uma a outra comunidade levando consigo informações que serão transmitidas a outros grupos, ou seja, falamos aqui de uma transitoriedade, escolha permanente e circulação dos internautas pelos mais variados temas possíveis. No entanto, os internautas criam redes de convivência e atalhos comunicativos com aqueles que apresentam afinidades eletivas, ao mesmo tempo em que bloqueiam outros internautas indesejáveis.

As fronteiras, conforme aponta Sérgio Buarque de Holanda,⁸ designam a experiência diante de um novo palco repleto de linguagens, instituições, populações, hábitos e técnicas que o aventureiro encontra durante a sua ocupação num território ainda desconhecido. É

⁸ Sérgio Buarque de Holanda. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; e também *Raízes do Brasil*, op.cit, pág. 31-40.



Neamp

paradoxalmente o movimento que lança aos indivíduos as bases para o distanciamento e abandono dos tradicionais hábitos e pensamentos, mas é também a abertura para a construção de novas modalidades de sociabilidade e de novas formas de conceber o mundo.

De certa maneira, esta noção de fronteira pode ser aplicada e ressignificada à Internet, no instante em que todos são moderadores. Os internautas têm em suas mãos a possibilidade de circular por grupos de pessoas virtuais e temas ainda não conhecidos, descartar e afastar-se de outros tantos, e a partir deles adquirir novos conhecimentos. A lista de discussão do PCO é um exemplo disso. Fechada em si mesma, permite que alguns poucos escolhidos possam debater, absorver e aprimorar os temas propostos. Os seus membros criam uma fronteira em relação aos impossibilitados de participar dessa lista, porém nada os impede individualmente de trazer à lista fechada outros conhecimentos e informações adquiridas em outros sites ou de suas próprias experiências concretas e cotidianas.

É nesse sentido que as comunidades e grupos formados através da Internet constituem-se sob esta dinâmica de criação e demolição de fronteiras, que são plásticas, prestes a sofrer influências vindas de fora e que também afloram de seu interior por meio de seus membros. Esta mesma dinâmica permite enfim a formulação de uma resposta sobre qual é a relação entre a Internet e a sociedade e, mais precisamente, o impacto de uma sobre a outra.

O certo é que todos os temas abordados pela Internet remetem às questões que permeiam as condições materiais presentes na sociedade. Estas são debatidas ou incorporadas pelos internautas nos mais diversos grupos de debates, sites com animações e audiovisuais, fóruns, comentários, e afins. Quando o internauta participa das fronteiras dispostas pela Internet informa-se segundo a sua curiosidade e seu interesse, adquire conhecimento, tem acesso a uma variedade de versões sobre um mesmo fato, de sorte que absorve um saber suficiente que pode o ajudar a agir ou tomar uma postura crítica no mundo em que vive. A Internet possibilita ao internauta a navegação por uma vasta rede de informações que disputam entre si uma hegemonia que repercute diretamente na sociedade. O resultado dessa disputa é um campo de combates, um mar de contradições, conflitos e interações de informações e contra-informações. Cabe ao internauta partir em busca destas. Tendo-as em suas mãos assumirá uma postura crítica no interior dos espaços virtuais e fora deles.

Bibliografia:



Neamp

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. *in: Obras Escolhidas*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de, *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____, *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.